

Quando demos início aos trabalhos para a composição deste quinto número desta *Revera*, no início de 2020, o prognóstico da pandemia provocada pela disseminação da covid-19 indicava alguns meses de quarentena. Em meados de março, nos trancamos em casa num esforço coletivo de uma sociedade que, a partir das poucas informações confiáveis sobre os riscos da contaminação no Brasil e o comportamento do vírus, planejava permanecer distante dos amigos e familiares por um período não muito maior do que três ou quatro meses. Aqueles meses se revelaram difíceis e custosos demais para todos, de qualquer profissão, gênero, idade ou identidade.

Como esta revista é dedicada ao tema da escrita, foi nesse contexto que convidamos escritoras e escritores, professores da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz, para refletir sobre a escrita na e após a pandemia.

Joca Reiners Terron escreveu “Não quero pensar nisso agora”, ensaio em que a realidade e o sonho se confundem, tão estranhas soam nossas ações cotidianas num momento em que parecemos viver um presente continuado, com as fronteiras diluídas do ontem e do amanhã. **Gabriela Aguerre** procurou perguntar-se, em suas “Notas de uma possível escrita pós-pandêmica”, qual literatura é possível e de que matéria se constrói o sentido diante de um evento que afeta tão intensamente as relações de leitura e escrita. **Fabrizio Corsaletti** escreveu poemas marcados por um sentimento de solidão e desalento, em que “o copo os óculos / o cinzeiro argentino / são meus únicos companheiros / de fim de mundo” (“Poema da quarentena”). Nele, o poeta que antes escrevia feliz de saber que as coisas estavam no caminho certo, agora escreve “porque sabe que as coisas / estão no caminho errado” (“Meu burro”).

São textos produzidos ao longo de meses em que nossa relação com o tempo, com a escrita e com o futuro se manteve em movimento, dentro

de uma relativa esperança de reabertura, apesar da situação estável e da renovação sucessiva de novos prazos para o fim do confinamento.

É sobre isso que escreve **Ricardo Azevedo**, escritor e ilustrador, ex-professor da pós, responsável pelo ensaio visual deste número da *Revera*. Lembra ele:

As imagens que ilustram este artigo são metáforas e, mesmo que de forma não programada, creio que tiveram como ponto de partida esse momento difícil pelo qual estamos passando. Vencida a epidemia, possivelmente os desenhos ganharão novas possibilidades de leitura.

Esta é então uma edição marcada inegavelmente pela pandemia e seus efeitos sobre a escrita e o tempo. Numa chave inversa — que afetará também esta edição, postumamente —, mesmo aquilo que foi produzido antes do alastramento do vírus hoje parece se oferecer a novos significados. Isso porque os efeitos da pandemia não são condicionados exclusivamente por questões biológicas e naturais. Vimos, desde o início do ano, o quanto de política, geopolítica e necropolítica se associou às narrativas em torno ao surgimento do vírus, dos mapas de contaminação, e das decisões de governo e de Estado a respeito do controle da doença e do atendimento aos cidadãos.

Com esse olhar, convém revisitar a íntegra da 4ª Conferência Vera Cruz sobre Escrita, proferida pelo escritor **João Silvério Trevisan**, em outubro de 2019, que publicamos agora em versão atualizada pelo autor. Em “As funções da escrita e os tempos de ódio”, ao rever sua trajetória e experiência de cancelamento por homofobia ao longo de décadas, sucessivamente, no Brasil, Trevisan nos lembra da importância de uma escrita de resistência que não precisa e — mais do que isso — não deve esquecer do assombro e consternação diante da injustiça:

Se o ódio envenenou determinado momento histórico até o ponto de considerar a cultura um apêndice dispensável, a urgência de buscar o sentido da literatura torna esse momento privilegiado e único pela necessidade de exercer aquilo mesmo que lhe é negado. Nesse sentido, a função mais adequada para quem escreve assemelha-se àquela da bicicleta em atividade: continuar escrevendo para que a produção literária se mantenha viva, em contraposição ao extermínio da cultura e ao que ela representa, em termos de liberdade expressiva. Se a primeira reação é sentir a inutilidade da escrita literária, um segundo movimento exige compreender sua vocação para a resistência. Não a resistência imediata dos panfletos, mas a resistência poética — a mais subversiva porque a mais indomável, que beira a sacralidade por celebrar o cruzamento da vida com a liberdade. Escrever em tempos

de ódio acirra a função da escrita através de sentidos particulares e urgentes. Implica talvez a mesma função das profecias: abordar o seu tempo para revelar o que não está nem totalmente visível nem compreensível — para gregos e troianos. Escrever em tempos de ódio torna-se uma experiência de gozo, por sua capacidade de inventar a poesia e instaurá-la como pura celebração da Vida, ou seja, como resistência contra a Negação, o Nada.

Com olhar semelhante se pode revisitar, agora, também um ensaio seminal de **Paul Dawson**, de 2009, que temos o privilégio de publicar pela primeira vez em português: “O retorno da onisciência na ficção contemporânea”. O escritor e professor, autor do livro *Creative Writing and the New Humanities*, investiga aqui um fenômeno evidente na literatura inglesa e estadunidense do início do século, a partir da análise de livros de autores como Salman Rushdie, Martin Amis, Zadie Smith, Jonathan Franzen, Don DeLillo e David Foster Wallace. Para ele, há uma diferença clara entre o tipo de narrador comumente utilizado na literatura de ficção do século 19 e seu emprego hoje em dia:

Os narradores oniscientes contemporâneos não podem mais reivindicar o privilégio de serem porta-vozes da autoridade, de afirmarem verdades aceitas em nome da consciência geral. O narrador onisciente contemporâneo pode ser mais bem descrito como uma forma de intelectual público: um pensador e escritor capaz de falar para uma audiência geral sobre uma série de assuntos públicos a partir de expertise disciplinar específica.

E é interessante acompanhar a leitura desse ensaio com outros dois artigos publicados nesta edição, sobre livros que projetaram seus autores também como intelectuais públicos. **José Guilherme Rodrigues Ferreira**, em seu artigo “Svetlana Aleksíevitch: etnografia no resgate de vozes esquecidas”, descreve o método utilizado pela escritora ucraniana para escrever seu livro de não ficção literária, *Vozes de Tchernóbil* — a história oral do desastre nuclear, em busca da maior aproximação possível da vida real. Vale lembrar que Svetlana se encontra hoje autoexilada da Bielorrússia por riscos de perseguição pelo governo de Aleksandr Lukashenko.

Nesta mesma seção, **Victor Pedrosa Paixão**, em seu ensaio “Indisociabilidade entre forma e conteúdo em Matadouro 5”, analisa a engenhosidade com que Kurt Vonnegut articula, em seu romance, realidade e ficção a partir do ponto de vista do personagem principal, espelho ficcional do autor, chamando atenção do leitor para o próprio ato de narrar uma das experiências mais traumáticas da Segunda Guerra Mundial: o bombardeio da cidade alemã de Dresden.

Fechando a edição da *Revera*, temos a honra de compartilhar os textos literários de algumas autoras e autores que passaram pelas oficinas de escrita da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz. Ao longo da última década de funcionamento do curso, não foi raro depararmos com projetos cujos enredos, de alguma forma, eram marcados por eventos singulares do passado – a Gripe Espanhola, o Holocausto – como constantes retornos do que ficou recalcado.

Nesta edição, o texto de **Cecília Marques**, “A sua filha”, expõe uma personagem em processo semelhante, mas envolvendo os fantasmas insepultos de uma ditadura militar. Leitura semelhante se poderá fazer no ensaio “Vãos”, de **Diogo Medeiros**, que procura no passado registros de liberdade nos espaços crivados por estruturas, sejam elas poéticas, arquitetônicas ou sociais. E com os textos “Tão perto quanto eu de você”, de **Helena Machado**, e “Todas as coisas da ilha deserta”, de **Leo Ribeiro**, avançamos então para os efeitos da atual pandemia sobre a vida de personagens contemporâneos. Neste momento, ainda é cedo para saber se os efeitos deste ano de 2020 se imiscuirão em nós como recalques. Mas a sensibilidade das autoras aponta alguns caminhos.

Por fim, apresentamos três textos que orbitam as questões da família e do matrimônio: uma crônica espirituosa, “As geladeiras do Gilberto”, de **Luís Cosme Pinto**; um conto denso, “A escassez”, de **Nataly Callai**; e um breve ensaio lírico, “Boia amarela”, de **Renata Lima**.

Finalizamos a edição deste número muitos meses depois, ainda mantendo o isolamento social que nos impede de realizar um lançamento presencial da versão impressa da *Revera*. Ainda não temos uma perspectiva de como serão os dias futuros. Sabemos apenas que eles virão. E, com eles, novas histórias, outros textos e possíveis entendimentos que dependerão daquilo que existiu antes, mas também daquilo que oferecemos aqui, agora.

Boa leitura. ■

Márcia Fortunato e Roberto Taddei